



Macroprojeto *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*  
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, de autoria da Prof.<sup>a</sup> Dra. Valdecí dos Santos.

**Editora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Valdecí dos Santos (Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*) - <http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>  
<http://www.valdecio.bio.br/revista.html>

**Revista indexada em:**

**NACIONAL**

**WEBQUALIS** - <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam> - CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Ministério de Educação - Brasil): - WebQualis/áreas de conhecimento (triênio 2010-2012) - **Educação: B4, Psicologia: B3, História: C e Artes – Música: C**  
**GeoDados** - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

**INTERNACIONAL**

**CREFAL** (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>  
**DIALNET** (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>  
**GOOGLE SCHOLAR** – <http://scholar.google.com.br>  
**IRESIE** (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>  
**LATINDEX** (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

**n. 13 (jul. – dez. 2012), dez./2012**

**CONCEPÇÃO SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL: UM ESTUDO ENTRE PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE UMA CIDADE NA AMAZÔNIA.**

**CONCEPTION OF SEXUAL DIVERSITY: A STUDY AMONG TEACHERS OF A PUBLIC SCHOOL OF A CITY OF THE AMAZON.**

**André Luiz Machado das Neves**  
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Grupo de Pesquisa Psicologia Escolar/Educacional em Contextos Amazônicos  
E-mail: andre\_machadostm@hotmail.com

**Iolete Ribeiro da Silva**  
Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília – UNB

Professora Adjunto IV da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM  
Líder do Grupo de Pesquisa Psicologia Escolar/Educacional em Contextos Amazônicos  
E-mail: ioletesilva@hotmail.com

**Klaudia Yared Sadala**

Mestre em Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento) pela Universidade Federal do Pará – UFPA  
Coordenadora do curso de Psicologia do Instituto Esperança de Ensino Superior – IESPES. Grupo de  
Pesquisa Rede de Educação Inclusiva da Amazônia Paraense  
E-mail: klaudiaysadala@hotmail.com

**Darlisom Sousa Ferreira**

Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Pará – UEPA  
Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas  
Grupo de pesquisa Práticas Educativas e Cuidado na Amazônia  
E-mail: darlisom@terra.com.br

## RESUMO

Essa pesquisa se propôs a compreender a concepção de diversidade sexual entre professores de uma escola localizada no contexto amazônico. Entende-se que a escola é um lugar de diversidade e conhecimento e nessa acepção se torna um local de esclarecimento acerca de dúvidas tanto acadêmicas quanto do cotidiano dos educandos. Esse artigo é produto de uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa descritiva de caráter exploratório. Este estudo se utilizou da amostragem por saturação, tendo como participantes 10 professores, tendo os dados coletados por meio de um roteiro de entrevista estruturada e foram analisados a partir da técnica da análise qualitativa de conteúdo. Os dados demonstram que os professores possuem a concepção sobre diversidade sexual como uma escolha e/ou opção. O estudo também aponta um fator positivo, pois os professores se mostram disponíveis para receber maior suporte técnico para as discussões a cerca desta temática, ressaltando a importância de se conhecer sobre a mesma para uma melhor atuação em sala de aula. Considera-se que a escola é um espaço de desenvolvimento do currículo escolar, é uma instituição importante e eficaz para o fortalecimento de práticas sociais e discursos que regulam os corpos, constituem comportamentos, verdades e saberes para a produção de modos de subjetivação dos sujeitos. Portanto, torna-se extremamente importante para a educação especialmente no ensino médio, questionar a concepção sobre a diversidade sexual que naturalmente permeia a prática escolar, compreendendo-a como condutora de processos de constituição de sujeitos a qual regula suas ações, desejos, comportamentos e corpos. **Palavras-Chave:** **Diversidade Sexual, Concepção, Professores**

## ABSTRACT

This research aimed to understand the concept of sexual diversity among teachers in a school located in the Amazon region. It is understood that the school is a place of diversity and knowledge, and in this sense becomes a place of clarification questions about academic and the everyday lives of students. This article is the product of a field survey of qualitative descriptive and exploratory. This study was used for saturation sampling, 10 teachers and the participants and the data collected through a structured interview guide and were analyzed using the technique of qualitative analysis. The data show that teachers have conceptions about sexual diversity as a choice and / or option. The study also indicates a positive factor because teachers show themselves available to receive greater technical support for discussions about this subject, emphasizing the importance of knowing about it for better performance in the classroom. It is considered that the school is an area of curriculum development, is an important and effective institution for the strengthening of social practices and discourses governing bodies, are behaviors, truths and

knowledge to produce forms of subjectivity of the subjects. Therefore, it becomes important for the education extremely especially in high school, questioning the conception of sexual diversity that naturally permeates the school practice, understanding it as conductive processes of constitution of subjects which regulates their actions, desires, and behaviors bodies. **Key-words: Sexual Diversity, Concept, Teaches.**

## INTRODUÇÃO

Pesquisas e práticas sobre o tema sexualidade na educação foram desenvolvidas dentro do campo investigativo relativo à percepção sobre diversidade sexual entre professores de ensino médio (ÁVILA, 2008; NEVES; ESTEVES; COSTA, 2011). Verifica-se que as pesquisas realizadas reportam-se, também, às práticas escolares e pedagógicas, e se direcionam também à problematização das produções desenvolvidas em outras instâncias culturais como, por exemplo, programas de TV, propagandas, filmes, revistas.

Pode-se destacar que a mídia com sua farta programação de filmes, novelas, propagandas, músicas, anúncios entre outros tem permeado o cotidiano de todos os sujeitos, em qualquer fase de desenvolvimento, apresentando as outras formas de manifestação da sexualidade humana, antes silenciada diante das relações de poder existentes entre grupos sociais que criam e recriam as verdades. Diante disso surgem algumas questões na perspectiva de como a escola se articula para trabalhar com o tema Diversidade Sexual? O que os professores compreendem sobre a Diversidade Sexual, haja vista a forma como a sexualidade e suas manifestações foram inscritas na história? E como está o diálogo na escola entre Educação e Sexualidade?

O tema sexualidade não constitui uma disciplina específica de caráter curricular no ensino, mas foi constituído como “tema transversal” de acordo com a última reformulação curricular da Educação Básica Brasileira com a aprovação da LDB – Lei de Diretrizes e Bases 9394/96. Com ela, a política governamental lançou, a partir do ano de 1997, os PCNs, (Parâmetros Curriculares Nacionais) que, além de estruturarem as disciplinas do Ensino Fundamental e Médio, sugeriram uma série de temas nomeados de “temas transversais”. Tais temas, expressam conceitos e valores considerados centrais para a convivência social, o exercício da cidadania e da democracia, problematizando questões relativas à ética, saúde, pluralidade cultural, meio ambiente e estudos econômicos. Pela primeira vez, de modo explícito, a discussão da sexualidade tem espaço garantido no então chamado tema transversal “orientação sexual”, no qual se inclui relações de gênero, corpo: matriz da sexualidade e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS.

A maioria das instituições escolares mostra a questão da sexualidade como algo mascarado que não deve ser exposto nem discutido intensamente. Assuntos vinculados a sexualidade não vão além daquilo que é aceito como certo ou errado, como moral ou imoral, adequado ou inadequado, tornando-se constantemente alvo da própria escola, das famílias e da sociedade como um todo. (FELIPE; GUIZZO, 2008).

Sadala (2005) ressalta que a problematização atual acerca da sexualidade, tem estado presente em diferentes campos do saber. Os fatores que podem explicar a ênfase do tema sexualidade nos dias atuais de acordo com Galvão e Díaz (1999) é o crescente desenvolvimento tecnológico no campo da contracepção, possibilitando a desvinculação entre sexo e reprodução; bem como as discussões levantadas pelos movimentos feministas e homossexuais no que tange o direito ao prazer e ao exercício livre da sexualidade e aumento de doenças sexualmente transmissíveis e a iniciação sexual precoce.

No estudo de Sadala (2005), a pesquisadora afirma que falar sobre sexualidade não causa tanta recusa nos dias atuais, porém, falar da própria sexualidade ainda pode ser assunto delicado

ou incômodo, pois exige reflexão a respeito. Isto deve estar relacionado ao tabu em que a sexualidade por muitos anos foi inscrita e velada na sociedade.

O objetivo desse artigo é a compreensão sobre a concepção de diversidade sexual entre professores, pois a escola é um lugar de diversidade e conhecimento e nessa acepção se torna um local de esclarecimento acerca de dúvidas tanto acadêmicas quanto do cotidiano dos educandos.

O artigo está estruturado em seções consideradas chaves para a discussão. A primeira busca esclarecer a essência da sexualidade, suas inscrições culturais e dá destaque na perspectiva evolucionista discutindo sobre os comportamentos entrelaçados à cultura e às experiências sociais. Essa seção ainda traz reflexões sobre a sexualidade descrita na bíblia em decorrência da interferência da filosofia judaico-cristã. A outra seção se delinea no diálogo entre educação e sexualidade, o qual se encontra restrito aos aspectos biológicos e contraceptivos, com isso acaba silenciando e negando as múltiplas faces da sexualidade humana. Também se constitui refletindo sobre as possíveis perspectivas para promoção de uma educação sexual no ambiente escolar.

## SEXUALIDADE HUMANA: ASPECTOS ESSENCIAIS E INSCRIÇÕES CULTURAIS

### A Sexualidade Humana sob a perspectiva Evolucionista

As discussões presentes no cenário nacional, tanto as difundidas pela mídia, quanto pelas autoridades científicas, nos faz perceber o quanto a compreensão da sexualidade é ampla. Desta forma, se faz mister uma abordagem multidisciplinar, sendo necessária uma discussão também de caráter evolucionista, ciência que tem apresentado destaque em estudos na área, sobretudo no que tange a publicações e explicações de natureza biológica e social acerca da sexualidade.

Através dos estudos de caráter evolucionista, Sadala (2005) afirma que o indivíduo ao invés de se adaptar lenta e biologicamente a diferentes ambientes, como era característico antes da evolução cultural, se adapta de forma mais rápida, através da herança de informações aprendidas, estando nossos comportamentos entrelaçados à cultura e às experiências sociais, além disto a forma inata de nossos corpos também ganha outros contornos.

Segundo Fisher (1997), o comportamento humano é uma mistura complexa de forças ambientais e hereditárias, no qual a cultura se apropria do material genético comum e cria diversas tradições e os indivíduos, submersos neste universo reagirão de forma bastante particular a todas essas variáveis.

Quando os animais humanos passaram a evoluir cultura, a opção de acasalamento não era mais apenas uma questão de avaliar a aparência e padrões comportamentais hereditários de um possível parceiro. A cultura ofereceu à seleção sexual novas formas de avaliar um parceiro: as habilidades aprendidas como canto, caça, dança e pintura, passaram a ser um maior atrativo no jogo de sedução. (TAYLOR, 1997)

O processo de hominização foi claramente marcado pelo modo de vida estritamente cultural, a seleção destes padrões de comportamento impõe uma série de exigências para seu funcionamento. A origem mais provável dos primeiros mecanismos sociais e psicológicos que ocorreram na espécie humana foram a bipedia e a expansão cerebral. A partir do momento em que os seres humanos passaram a ser bípedes, mudanças na estrutura corporal ocorreram, tendo como consequência, por exemplo, o parto prematuro. Com a prematuridade deste nascimento, a criança ainda é bastante incompleta e dependente da mãe e do pai, comparada a outros animais, passou a exigir mais cuidados para que pudesse sobreviver. Desta forma, a mãe, principalmente teve que dedicar mais tempo aos cuidados de sua cria (LEWIN, 1995; TAYLOR, 1997).

Com o aumento da proximidade e das relações sociais, várias alterações na organização social, as quais sem dúvida influenciaram de forma determinante as ligações afetivas entre homem e mulher, podem ser citadas: o aumento da dependência infantil por conta da expansão cerebral, o apego, a intensificação dos cuidados parentais e um elemento chave, desenvolvido em função deste novo padrão de interação – o desenvolvimento da linguagem (SOUZA; FREITAS; RODRIGUES, 1998).

Ao longo desse processo de evolução da espécie, mecanismos psicológicos foram selecionados para proporcionar um melhor sucesso reprodutivo do indivíduo. Outro aspecto de vida importante a ser considerado é a passagem do modo de vida nômade para o modo de vida sedentário – desenvolvimento da agricultura, o qual é considerado como um momento decisivo na história da humanidade, pois sem essa prática agrícola não teriam existido aldeias, cidades, ou mesmo sociedades constituídas por estados (LEAKEY, 1997).

Desta forma, as novas práticas para a aquisição de recursos de subsistência tiveram papel fundamental na transformação dos contextos onde nossos ancestrais viviam, e na distribuição de papéis de trabalho e papéis diferenciados para cada sexo (FISHER, 1997).

Nesta perspectiva, a cultura é responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, através da categoria de significados de gênero, de orientação sexual e de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais criam, modelam e orientam desejos e modo de viver a sexualidade (HEILBORN, 1999).

A partir desta concepção, é necessário enfatizar que a sexualidade, portanto, não é sinônimo somente de sexo e não se restringe ao coito/atividade sexual. É algo inerente ao ser humano, justamente por sua inalienável condição biológica, mas que irá se desenvolver a partir das influências ambientais, nas quais o sujeito está submerso; sua história cultural, social e particular.

## A Sexualidade na Bíblia

A Bíblia segundo Nunes (2005, p. 80) “é um conjunto de livros históricos, livros de contos, cartas e cânticos do povo hebreu que tem uma longa etapa de compilação a partir do ano 2000 a.C.” Este livro vem retratar a história do povo de Israel e sua prática religiosa monoteísta.

Em decorrência do cristianismo, a Bíblia passou a ser o livro norteador de quase todas as religiões, seu conteúdo expressa todos os eventos histórico-ocidentais. Ela retrata o que o povo hebreu vivenciou e suas experiências semelhantes as dos povos vizinhos do Oriente Médio (NUNES, 2005).

Segundo Nunes (2005), no antigo testamento a poligamia é admitida como norma básica, as mulheres não tinham direito ao divórcio e os homens poderiam repudiar suas mulheres. As mulheres eram apedrejadas, caso cometessem adultério, e se ficassem viúvas, o cunhado era obrigado a casar com ela e sustentar seus filhos.

O mesmo autor afirma que é possível encontrar uma norma reprimindo a sexualidade, o travestismo, a prostituição e observa-se que a menstruação também era tida como impureza da mulher a ponto de se punir com morte caso o parceiro mantivesse relações sexuais durante o ciclo menstrual. O parto é tido como impureza que obriga a mulher a um recolhimento, ao banho e a pureza. A poluição noturna é considerada impura e o incesto é proibido, porém em Gn 20.12 se percebem exceções.

Nunes (2005, p. 81) também comenta que o livro de Tobias e o dos Cânticos dos Cânticos retratam “uma sexualidade poética, romântica e positiva, dentro dos limites da religiosidade hebraica”. No que tange ao novo testamento, Nunes (2005) relata que segue a doutrina de Paulo, um judeu-grego convertido ao cristianismo que não leva em consideração o

nosso tempo, condena a homossexualidade, prega contra a desunião do matrimônio com forte base teológica, afirma que a mulher deve ser submissa ao marido, colocando esses preceitos sexuais para classificar como os cristãos eram considerados puros diante dos pagãos da época.

## Aspectos Culturais

Segundo Maia (2009), a sexualidade se manifesta de diferentes formas na sociedade, através de padrões de comportamentos estabelecidos como adequados e não adequados que são incentivados ou reprimidos, porém essa manifestação vai depender de cada cultura, que muitas vezes se reflete em repressão sexual. A repressão sexual é acompanhada de ameaças de violências físicas e psicológicas entre indivíduos que não seguem os repertórios comportamentais que são ditados pela religião, conduta moral, o direito e a ciência.

A verdade aparece quando pode aparecer, e conjuntos de ocasiões se combinam e permitem que algo seja acolhido como verdade. Isto é, norteado e infiltrado pelas relações de poder existentes, as quais permitem que determinadas verdades (des) apareçam (LOURO 2009).

Foucault (2010a), um dos primeiros filósofos a discutir a sexualidade sob a ótica das influências políticas e históricas, destaca que no início do século XVII havia entre os indivíduos certa liberalidade no que se refere a vivência da Sexualidade Humana, não existindo sentimentos de vergonha ou receio de punição. Todavia, o cenário modifica-se a partir do momento em que a burguesia vitoriana adquire o poder econômico e social. No que tange a sexualidade, passaram então a restringi-la na família, mais especificamente, entre os cônjuges, isto porque o sexo somente deve ser praticado com intuito de reprodução e procriação da espécie humana.

Na metade do século XIX a sexualidade teve como foco a sua Definição, porque passou a ser uma questão central para o Estado e para os Indivíduos, contudo já se discutia desde o século XVIII a sexualidade, devido aos interesses políticos, sociais e econômicos em decorrência ao industrialismo e à evolução da burguesia, acompanhada de uma divisão sexual e ideias feministas que começavam a emergir (LOURO 2009). “E diante desse contexto foi constituindo todo um conjunto de condições para que os corpos, a sexualidade e a existência de homens e mulheres fossem significados de outro modo” (LOURO, 2009, p. 87).

A sexualidade ganha uma nova conotação tendo seu olhar voltado aos corpos, às suas estruturas e características materiais e físicas, o corpo teve papel definidor da sexualidade dando origem a causas e justificativas das diferenças sexuais. Novos conhecimentos e novas verdades são estabelecidas e essas transformações não são ocasionadas, elas são constituídas e constituintes de outras formas e relações de poder (LOURO 2009).

O corpo está inserido em uma relação de poder que impõe limitações, proibições ou obrigações, o corpo, gênero e sexualidade envolvem disputa de valores de poder, de diversos comportamentos legitimados, de normas e de verdades (MEYER; SOARES, 2004).

Em meados do século XIX o poder sobre o corpo também não deixou de existir (FOUCAULT, 2010b). Para Foucault (2010b, p. 132), “[...] o corpo é objeto de investimentos imperiosos e urgentes. Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações”. O significado para os corpos são impostos de acordo com os interesses culturais e políticos. Sobre as relações de poder sobre o corpo, Foucault (2010b, p. 133) considera que:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio

sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que se operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.

O corpo é desenhado de acordo com os aspectos políticos de cada cultura, ele pode exercer um papel de liberdade ou restrição, contudo, sempre permeado por interesses daqueles que estão no poder. A invenção da anatomia política não deve ser compreendida como uma novidade, mas com uma quantidade de pequenos eventos que se recordam, se repetem ou se imitam, e se baseiam uns sobre os outros (FOUCAULT, 2010b). Sob uma ótica analítica, todo processo educacional está preocupado em controlar, em observar, em corrigir e construir corpos de homens e mulheres; os corpos sempre tiveram e têm uma atenção pormenorizada em todas as instâncias sociais (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2010).

Nos dias de hoje, o corpo é exacerbadamente falado, invadido, mostrado, investigado e re-significado através de diversas áreas do conhecimento (MEYER; SOARES, 2004). Segundo Meyer e Soares (2004), com o mundo capitalista no século XIX, o movimento repressivo da sexualidade dos séculos XVI, XVII e XVIII começa a se transformar, os conceitos científicos das pessoas que tinham o olhar autorizado para definição das verdades, também se transformam no que tange à sexualidade.

## EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: CAMINHOS PARA UM DIÁLOGO

Falar do tema Educação Sexual se torna comum quando se busca abordar a sexualidade tanto na escola quanto nos espaços privados de acesso familiar, para tanto, se faz necessário compreender como esse tema é considerado por muitos nos dias atuais e como foi inserido na escola.

Alguns autores (GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL, 2001) divergem sobre a definição do termo educação sexual, o qual atualmente tem sido convencionado como acontecendo no cotidiano, nas conversas informais, de forma não intencional, surgindo também no seio familiar, com influências da cultura e da mídia. Esta definição apenas nos últimos 10 anos ganhou tal contorno, pois era usado também para definir o que hoje entendemos que é papel da orientação sexual.

Neste aspecto ressalta-se que a orientação sexual é sistematizada, ocorre geralmente na escola, é uma estratégia de reflexão, amenização de tabus e objetiva uma vivência acerca da sexualidade de forma saudável. Desta forma em qualquer lugar se pode promover orientação sexual, desde que seja pautada por uma política de responsabilidade e que proporcione bem-estar, quebra de estigmas e preconceitos, contribuindo para que a sexualidade seja vivenciada sem culpas, medos ou mitos.

Barroso e Bruschini (2000) apontam que a educação sexual surgiu na França, na metade do século XVIII, quando os educadores começaram a se preocupar em como combater a masturbação, pois se seguia a linha de pensamento de Rousseau que acreditava ser a ignorância a única forma de manter a pureza da infância. A sexualidade adquire uma educação com conotações do proibido como regra maior. Embora as discussões sobre educação sexual tenham sido problematizadas na França, é na Suécia que ela ganha forma. Conforme Ribeiro (1990), a educação sexual foi recomendada pelo governo em 1942 e obrigatória em 1956, já a França só inseriu os temas nos currículos educacionais em 1973.

No Brasil, de acordo com Sayão (1997), é na década de 20 que essas discussões são fomentadas, com contribuições do movimento feminista. Conforme Furlani (2010), nos anos de

1980 predominou a força por uma pedagogia libertadora que possibilitasse o desenvolvimento da criança, portanto em 1990 decisivamente modificam a criança para um sujeito de direitos, atribuindo à escola a responsabilidade de prepará-las não apenas para o desenvolvimento da vida em cidadania plena, mas para a minimização da exclusão social.

Levando em consideração a história da Educação Sexual, no Brasil no ano de 1997 após a aprovação da última Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394/96 para o ensino fundamental e médio, o governo lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que reconhecem a sexualidade como uma preocupação contemporânea. (FURLANI, 2010; FURLANI; LISBOA 2008).

O século XX refletiu na política educacional com as medidas adotadas em 1997 expressas nos PCNs, colocando a discussão da educação sexual não somente presente no ensino fundamental e médio, mas também como uma necessidade nos cursos de formação de professores, tornando a temática da sexualidade como um assunto transversal nas discussões atuais do campo educacional (FURLANI; LISBOA, 2008).

Abordar temas sobre sexualidade na escola, além da determinação do governo, se deve também às políticas públicas sobre HIV/AIDS e demais tipos de doenças sexualmente transmissíveis; gravidez na adolescência, a veiculação na televisão e na internet e em outros meios de comunicação (FURLANI, 2010).

Atualmente, de acordo com Rena (2006) a educação vai além do cuidado do corpo e dos determinantes biológicos, abarca também questões afetivas, sociais e éticas. Porém, não se busca doutrinar ou punir e muito menos limitar a manifestação da sexualidade, e sim proporcionar conhecimentos acerca da vida, do auto-conhecimento, dos prazeres e das angústias que permeiam a sexualidade, principalmente quando se inicia a vida sexual.

Segundo Furlani (2010), a educação sexual em qualquer nível de ensino deve estar sendo colocada como formação continuada para os professores, pois as crianças e os jovens a todo o momento estão sendo atualizados por informações da televisão e da internet; há inúmeros casos de homofobia e violência entre gêneros em decorrência das hierarquizações hegemônicas e isto a todo o momento requer uma reflexão acerca da educação sexual.

Furlani (2010) considera que o importante para a educação sexual é demonstrar que a sexualidade não deve ser reduzida a um objeto, baseado em um discurso tecnicista, dogmático e vulnerável ao posicionamento da subjetividade, do existencial, considerados conforme as rotulações e os controles da religião e morais históricas impostos à sexualidade; ela deve ser tratada como algo natural do ser humano, submersa de dignidade e humanismo.

Nunes (2005) ressalta que somente é possível uma educação sexual, seguindo duas perspectivas: primeiramente o caminho crítico das construções e dos significados e padrões históricos e sociais, submersos pelas proibições, interdições e consentimentos. Na segunda perspectiva, tem-se como base o pessoal, o afetivo, e o existencial que a educação tecnicista alonga num discurso objetivo, distante e sufocante. Cabe ao educador que se propor a trabalhar essa questão, o desafio de transmitir essa incongruência de modo honesto, significativo e neutro.

Suplicy *et al.* (2008) afirmam que sem perceber o indivíduo está inserido num processo de educação sexual em decorrência das experiências, atitudes e informações absorvidas no cotidiano, ou seja, de maneira informal que ao longo da vida nos possibilita congregar valores, símbolos, preconceitos e ideologias. Deste modo, cada pessoa vai criando uma visão particular sobre sexualidade que pode ser mais controladora ou mais liberal, rigorosa ou lúdica, isso vai ocorrer de acordo com experiências ou influências.

Se a escola não trabalhar a questão da sexualidade, ela estará conduzindo os alunos ao discurso do tabu, sobre o qual não se pode discutir, tornando algo individual, que deve ser emudecido, reservado para ser dialogado em casa, considerando que não é algo que faz parte da educação formal, deste modo se aprende com muitos mitos, sem responsabilidade com os

colegas, através de revistas pornográficas, zonas de prostituição o que pode resultar em uma deseducação sexual (SUPLICY *et al.* 2008).

Para Souza (2002), uma educação sexual deve possibilitar a criança adotar atitudes sadias referente à sexualidade, com livre-arbítrio, afeto e responsabilidade, para que ela possa escolher conscientemente a vida futura que deseja construir. Entretanto, para que exista de fato uma educação e orientação sexual, é necessário oferecer condições para que a criança ou o jovem assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, sem receio, culpa, tabus, preconceitos e ou bloqueios que inviabilizem tal vivência.

## MÉTODO

Essa investigação obedeceu aos critérios relacionados à pesquisa de campo. Foi contornada pela abordagem qualitativa descritiva de caráter exploratório. Envolveu: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais. O campo investigado foram os significados, os valores e as ações dos indivíduos, ou seja, a subjetividade, expressa mediante relações que constitui um grupo que deram sentido aos fenômenos sociais (MARCONI; LAKATOS, 2010; TEIXEIRA, 2007).

O estudo ocorreu na cidade de Santarém, localizada no Oeste do Pará, tendo como *locus* de pesquisa uma escola pública situada na zona central da cidade, o que facilitou o acesso dos pesquisadores. A escola se enquadrou nos critérios estabelecidos por eles que era de que possuísse mais de 1.000 alunos, funcionasse nos três turnos e que tivesse mais de 10 anos de experiência entre as instituições que trabalham com o ensino médio. Até o ano de 2011, a escola contava com o corpo docente constituído por 58 professores, destes participaram da pesquisa 10 professores de ambos os sexos, com formação pós-graduada. Usou-se o fechamento amostral baseado na ferramenta de seleção por saturação defendido por Fortanella; Ricas e Turato (2008) que se constitui quando na visão do pesquisador, os conteúdos nos discursos dos sujeitos começam a apresentar certa repetição e se tornar redundantes, nessa perspectiva ocorre a suspensão de novos sujeitos como fontes de informação.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um roteiro de entrevista estruturada, com suporte de um gravador para posteriormente executar as transcrições das falas na íntegra. A entrevista estruturada de acordo com Severino (2007) é um instrumento relevante para levantamentos sociais. As entrevistas foram realizadas nas dependências da escola, especificamente na sala dos professores, em seus intervalos de aula, nos diversos turnos.

Esses dados foram analisados a partir do modelo da técnica de análise qualitativa de conteúdo, descrito por Flick (2009), onde esse procedimento se define em três unidades, a primeira se chama Unidade de Codificação foi feita a leitura e considerado qual o menor elemento a ser considerado para ser analisado, posteriormente, se passou para a segunda unidade, chamada de contextual, onde se identificou o maior elemento a ser analisando e por fim a terceira unidade, chamada de Unidade Analítica, na qual se definiu trechos que foram analisados.

Para realização dessa pesquisa foram respeitadas as normas e diretrizes para a realização de pesquisas envolvendo seres humanos, conforme Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) 016 de 20 de dezembro de 2000 que dispõe do protocolo; do risco da pesquisa; do consentimento do informado; confiabilidade; sigilo e uso de outras informações e da divulgação dos resultados (CFP, 2000) e obedeceu à resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O projeto dessa pesquisa foi submetido à avaliação da Comissão de Ética do IESPES com parecer de aprovado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os dados analisados, a Diversidade Sexual, na concepção da maioria dos professores, é categorizada como uma forma de opção, quando chega a uma determinada fase da vida em que o indivíduo faz a sua escolha de acordo com aquilo que se identifica. Os enunciados abaixo corroboram a afirmativa supracitada:

“A diversidade é a possibilidade que cada um escolher, ‘tá’? Da mesma forma que em determinado momento da vida se escolhe religião, se escolhe time de futebol, se escolhe a sua sexualidade [...]”. P2, feminino, 34 anos.

“[...] são as diferenças de opção ou sexualidade da pessoa”. P4, masculino, 44 anos.

“É a opção que cada um tem que seguir, o que ‘tá’ na cabeça em relação à opção sexual escolhida por ele”. P5, masculino, 55 anos.

“Cada pessoa têm a sua orientação, ‘né’? Então, cada um vive aquilo conforme escolhe. O que mais se identifica [...]”. P7, masculino, 48 anos.

A partir desses enunciados, se fosse uma simples escolha de vida, que você pudesse optar, por exemplo, em ser homossexual, muitas pessoas que não aceitam sua orientação (desejo), não iriam escolher/optar em uma orientação permeada por tabus, preconceitos e estigmas negativos a que foi submetida por relações culturalmente construídas. De acordo com Viana (2006), sofrimento é a palavra que define a pessoa que luta incessantemente contra sua orientação sexual, pois esse desejo não é eliminado, porém pode ser reprimido, amedrontado ou negado.

Nesta perspectiva, Domingos (2008) publicou uma entrevista para uma rede virtual de notícias, em que há a existência de uma igreja que acolhe *ex-ex-gays*<sup>1</sup> que decidem assumir a homossexualidade, esse jornalista publica a fala do teólogo, psicólogo e pastor Cristiano Valério que explica que na igreja há oito *ex-ex-gays* que voltaram a se relacionar com pessoas do mesmo sexo, isso depois de darem testemunho nas igrejas tradicionais dizendo ter deixado a homossexualidade.

Pessoas que não aceitam sua orientação sexual, por não se enquadrarem as imposições sociais do padrão heterossexista e invisibilizações e inviabilizações sociais decorrentes das relações de poder adotadas pelos grupos majoritários, recorrem de forma desesperadora a diversos recursos em busca de uma “cura”, buscando suporte na religião ou até mesmo em psicoterapias. Logo, se fosse uma simples forma de opção/escolha não seria necessário à adoção desses comportamentos que muitas vezes são baseados em medo, terror, negação e silenciamentos.

Bortolini (2008), durante a execução do projeto Diversidade Sexual na Escola, realizado no ano de 2006 e 2007, proporcionou uma série de oficinas em mais de 10 escolas do interior e da região metropolitana do Rio de Janeiro, atingindo mais de 400 profissionais da educação e licenciandos. Com isso ele pode abordar os questionamentos que emergiram desse público alvo durante o projeto, dentre eles estão a homossexualidade como escolha/forma de vida. Através dessa ação, o autor questiona se é possível a pessoa escolher por quem quer sentir afeto ou

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Domingos, para definir pessoas homossexuais que se “converteram” para igrejas e haviam sido consideradas *ex-gays*, todavia, retornaram a sua orientação sexual e o autor os denomina como *ex-ex-gays*.

atração sexual e discorre que a ideia de escolha não leva em consideração a subjetividade, mas geralmente culpabiliza o indivíduo.

Portanto, é necessário preocupar-se com sexualidade, mas com o intuito de promoção de qualidade, vivência da sexualidade de forma prazerosa e não buscar identificar as causas de ser LGBT<sup>2</sup> (BORTOLINI, 2008; SADALA 2005; ADBO, 2004).

É possível identificar que há professores que acreditam na existência de justificativas e causas acerca da Diversidade Sexual. Nesse sentido, acredita-se que os valores pregados pela filosofia judaico-cristã podem ter contribuído para essas concepções que inviabilizam e invisibilizam as outras formas de manifestações da sexualidade, promovendo o silenciamento sobre elas, assim como o sentido instituído ao sexo apenas como forma de reprodução. Ceccarelli (2008) analisa que o cristianismo contribuiu para que outras manifestações da sexualidade, por exemplo, a homossexualidade, fosse um dos maiores pecados sujeito à morte.

Os professores ainda compreendem que a Diversidade Sexual pode ocorrer em várias situações ou possuir tendência, ou seja, é algo que pode ser evitado. Esse olhar pode ser obtido nos discursos abaixo:

“[...] eu vejo é a questão da orientação sexual entre esses dois sexos ‘né’, a tendência a... questão de... um determinado sexo, no caso o masculino, com orientação é... homoafetiva, né? da mesma forma o sexo feminino daí essa questão da diversidade sexual [...]”. P3, feminino, 42 anos.

“Na minha concepção são vários fatores, não existe um único, um único fator causador, ‘pra’ isso, são várias situações [...]”. P10, feminino, 30 anos.

Percebe-se que a busca da conceituação sobre Diversidade Sexual é baseada em uma causa. Bortolini (2008) afirma que há quem atribua causas biológicas, alguns acreditam que são aspectos sociais, outros que juntam um pouco de tudo e fazem sua compreensão, no entanto, seja qual for esses processos, ser LGBT vai além da simples vontade de escolha.

Segundo Kamel e Pimenta (2008), Diversidade Sexual é um termo utilizado para definir as várias expressões da sexualidade, pois não existe um padrão normatizador que possibilite determinar o envolvimento afetivo e sexual de um indivíduo direcionado ao outro e/ou outra. Sob essa ótica, alguns professores chegam a familiarizar cognitivamente a Diversidade Sexual como expressões múltiplas da sexualidade, porém sempre se faz referência a um fator que deve ser escolhido. Abaixo segue os relatos que confirmam a ideia:

“Que existe vários tipos, várias diferenças sexuais”. P6, feminino, 43 anos.

“Comportamentos diversos”. P1, feminino, 35 anos.

“Todas as diferenças de comportamento e de estilo de vida”. P8, masculino, 37 anos.

“Multiplicidade de comportamentos”. P9, 35 anos, feminino.

Existe uma afinidade com o conceito, porém é necessário esclarecimentos para contribuição da prática na sala de aula sem estigmas. Para Bortolini (2008), alunos e alunas LGBT possuem o direito de estudar numa escola que os acolha e os respeite, e isso não implica que, para terem acesso à educação, eles devam abrir mão de suas identidades.

---

<sup>2</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

Para que não haja atropelos e distorções na prática docente se faz necessária uma compreensão ampliada da visão dos professores sobre diversidade sexual para que consigam compreender o “diferente” de forma não homogeneizada. Pois a escola é um espaço de convivência e assim como a vida, é um lugar de diversidade de gênero, raças, idades, crenças e valores, evidenciando a importância da escuta e do respeito para que todos se sintam reconhecidos e valorizados em suas diferentes histórias de vida.

Nas respostas apresentadas pelos professores e professoras, identificou-se que se os mesmos tivessem uma formação para trabalhar com temas voltados à Diversidade Sexual, grande parte deles menciona que trabalharia. Alguns desses professores afirmam que, com certeza e sem dúvida, trabalhariam, outros acham o tema interessante e um dos participantes observa que para trabalhar com a diversidade sexual se faz necessário a capacitação assim como se faz para o trabalho com a educação infantil, educação de jovens e adultos e até mesmo na educação racial. Contudo, apenas um professor afirma que não trabalharia com o tema, o que leva a constatar que o mesmo não apresenta disponibilidade para realizar formação nem mesmo para trabalhar com o tema. As falas abaixo confirmam estas questões:

“Sim”. P1, feminino, 35 anos.

“Se eu tivesse uma formação sim, por que não? Da mesma forma que existe capacitação ‘pra’ trabalhar com educação infantil, educação de jovens e adultos, ‘pra’ você trabalhar até a questão racial, mesmo por que não? Claro que trabalharia”. P2, feminino, 34 anos.

“Sim. Sem dúvida”. P7, masculino, 48 anos.

“Com certeza”. P8, masculino, 37 anos.

“Não, não, [...]”. P5, masculino, 55 anos.

Neste sentido constata-se que a maioria dos professores oferece abertura para realizar formação e para trabalhar com o tema Diversidade Sexual. Com isso, enfatiza-se a importância de oferecer a esses professores cursos de formação voltados à Diversidade Sexual, visando maior capacitação desses professores para trabalhar com o tema.

Por meio da experiência do projeto Educação sem Homofobia realizado, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte no ano de 2008, a partir da execução dessa capacitação surgiram relatos de professores afirmando que o curso proporcionou uma maior ampliação da visão dos professores no que se refere à Diversidade Sexual na escola. Neste sentido, Reis (2009) ressalta que o projeto tem como finalidade questionar práticas, posturas e valores existentes no âmbito escolar, destacando que, quando o professor reforça a heterossexualidade como sendo a única sexualidade possível ele acaba excluindo as diferentes formas de manifestações. Deste modo, é possível verificar o quanto seria importante oferecer aos professores uma formação específica sobre Diversidade Sexual, com o intuito de permitir aos mesmos possibilidades de ampliar sua ótica e prática na sala de aula.

Uma proposta importante de projeto no que se refere à diversidade sexual, é a discussão da implantação da proposta do projeto ‘Escola Sem Homofobia’, que tem a intenção de capacitar professores para lidar com atos de discriminação homofóbica na sala de aula através de materiais informativos. De acordo com o Parecer Técnico do Conselho Federal de Psicologia (2011), o material Didático do Projeto Escola Sem Homofobia convida o educador para os compromissos éticos e profissionais, em favor da luta contra o sofrimento de adolescentes lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros, apoiando propostas de intervenções práticas para minimizar o alto índice de violência comprovados nas pesquisas.

É nessa perspectiva de formação que se faz necessária a realização de cursos para os professores, tendo em vista que os sujeitos da pesquisa mostram disponibilidade e abertura ao conhecimento no que se refere ao tema Diversidade Sexual e, isso possivelmente facilitará a prática desses professores em sala de aula.

A opinião dos professores sobre a vantagem que tem ou teria em trabalhar com a diversidade sexual em sala de aula, se reflete na oportunidade de fomentar a redução da discriminação e do preconceito, bem como favorecer os relacionamentos interpessoais e a compreensão dos alunos e demais componentes da comunidade escolar. Isso pode ser refletido através dos conteúdos nos discursos dos professores abaixo:

“Acho que a comunidade escolar viveria melhor, né? sem discriminação; sem preconceito; os alunos se entenderiam bem melhor”. P4, masculino, 44 anos.

“A qualidade do relacionamento de todo o grupo e, fazer com que a pessoa que tem essa diferença não sofra preconceitos, que se sinta incluída no grupo”. P6, feminino, 43 anos.

“Acho que ia diminuir muito o preconceito, né? Um dos primeiros passos seria esse”. P7, masculino, 48 anos.

“Muitas, principalmente para evitar o preconceito”. P9, feminino, 35 anos.

Com isso, se verifica que os professores percebem a relevância em abordar o tema Diversidade Sexual, sabem que essa prática pode favorecer um relacionamento igualitário entre todos independente da orientação sexual, a qual por muito deles é compreendida como uma escolha. É relevante também destacar que eles percebem que a prática de abordar temas sobre Diversidade Sexual na sala de aula pode ser uma estratégia de transformação social, entretanto isso não é enfatizado nas suas práticas do cotidiano da atuação e estratégias para o processo de ensino aprendizagem.

Essas opiniões contrastam-se com práticas de algumas cidades de um país desenvolvido como se pode identificar nos estudos de Junqueira (2009), quando cita os dados da Anistia Internacional sobre os alunos estadunidenses de orientação LGBT; estes recebem por parte dos professores e da administração escolar, uma média diária de 26 insultos, 80% sofrem isolamento social, 53% ouvem comentários homofóbicos e 19% são vítimas de agressão física na escola, sendo que em 97% dos casos não se têm registros de intervenções do corpo docente, ressalta-se que esses eventos ocorrem dentro das escolas. No Brasil, o mesmo pesquisador comenta que conforme estudo realizado pela UNESCO no ano de 2004, abarcando 13 capitais brasileiras e o Distrito Federal, detectou-se o percentual de professores que não sabem abordar temas voltados à homossexualidade vai de 30,5% em Belém a 47,9% em Vitória.

No que se refere aos relatos dos professores pesquisados, verifica-se a importância dada por eles em levar para salas de aulas discussões voltadas para a temática da diversidade, com intuito de promover a reflexão dos alunos acerca da questão. Todavia, se tem como hipótese que muitos não sabem como manejar essas atividades. Nessa perspectiva, Seffner (2009) analisa que questões sobre a diversidade sexual são complexas e, para isso, se faz necessária a formação dos professores e suas participações em cursos, eventos e a necessidade de materiais pedagógicos. Deste modo, pode tornar-se uma tática positiva para abordagem do tema que atualmente vem sendo tratado de forma improvisada. Nesse sentido, pode assumir uma abordagem ancorada em conhecimentos técnicos, e não um manejo permeado por valores que deseducam e tentam padronizar e determinar a sexualidade humana, e com isso invisibilizando outras formas de manifestações da sexualidade, como por exemplo, ela como prática de prazer. Atualmente, é

possível identificar professor que não está aberto para a discussão LGBT, como podemos verificar no conteúdo da fala do sujeito abaixo:

“Acho que, na minha opinião não tem vantagem nenhuma. Ou seja, numa sala de aula você tem 40 alunos, às vezes têm salas que têm dois ou três com essas opções, então eu não tenho que voltar minhas aulas, meu programa ‘pra’ três alunos, se tem trinta e sete que, né?... que não leva isso [...]. P5, masculino, 55 anos.

Essa cristalização no repasse do conteúdo formal se caracteriza em um possível entrave acerca de uma prática favorável diante da Diversidade Sexual, pois se faz notar que não se leva em consideração o que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais Educacionais.

Seffner (2009, p. 134), relata que “não se trata de jogar fora o que vem sendo tradicionalmente ensinado, mas sim de pensar a inclusão de diversos temas e questões trazidos pelos novos tempos, e de indagar-se sobre o que deve ser mantido”. O mesmo autor afirma que os professores, em particular, são responsáveis pela formação de crianças e adolescentes, por isso o movimento social pela Diversidade Sexual tem interesse em ter a escola como seu aliado.

Nessa perspectiva, Junqueira (2009) leva a refletir que os profissionais da educação não contam com diretrizes e instrumentos suficientes e apropriados para combater desafios que envolvem direitos sexuais e diversidade sexual. São comuns os professores assumirem que não sabem agir quando alunos, que assumem sua identidade ou por apenas parecerem LGBT, são agredidos. São necessárias estratégias que contribuam para que os professores reflitam que são agentes de transformação social.

A opinião da maioria dos professores enlaçasse com o que o Conselho Federal de Psicologia (2011) recomenda, quando discute sobre a Educação e Diversidade sexual. Este conselho de profissionais que estuda o comportamento humano, considera que professores e alunos podem exercer atitudes democráticas e trabalhar em favor do processo de inclusão, construir uma nova realidade social, através da troca de experiências, da solidariedade e, por fim, aprenderem a ser tolerantes.

Diante do questionamento acerca da vantagem de abordar temas voltados a diversidade sexual em sala de aula, se percebe a latência da concepção dos próprios professores enquanto agentes transformadores. Com isso, políticas de formação que abordem a Diversidade Sexual podem contribuir para o conteúdo latente tornar-se manifesto e colaborar para a diminuição ou extinção de estigmas normatizadores e proibidores a que a sexualidade é submetida por muitos séculos, e podem promover que essas vantagens elencadas por eles se tornem realidade e, assim, eles assumam o compromisso da promoção de uma educação igualitária e menos estigmatizada e saibam como discorrer com as temáticas acerca da Sexualidade e/ou Diversidade Sexual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo foi compreender a concepção sobre diversidade sexual entre professores. A partir dos resultados espera-se contribuir para o conhecimento da diversidade sexual na escola, especialmente no que tange ao conhecimento do professor diante da discussão dessa temática presente no contexto escolar, entendendo que a instituição é um espaço de convivência e assim como a vida, é um lugar de diversidade de gênero, raças, idades, crenças e valores, evidenciando a importância da escuta e do respeito para que todos se sintam reconhecidos e valorizados em suas diferentes histórias de vida.

Compreendeu-se que a diversidade sexual no conteúdo do discurso dos professores se ancora como uma forma de escolha e/ou opção. Nessa perspectiva, esses professores entendem que o desejo sexual pode ser racionalizado. Se as orientações sexuais humanas fossem uma escolha, acredita-se que ninguém optaria por algo tão carregado de discriminação, preconceito, tabus e outras formas negativistas que permeiam essa manifestação da sexualidade que muitas vezes são invisibilizada e silenciada através da violência.

Para melhor concepção e compreensão das múltiplas faces da sexualidade humana, essa pesquisa reforça a necessidade de implantação de propostas de políticas educacionais, como por exemplo o projeto 'Escola Sem Homofobia', que trabalha a sexualidade em uma perspectiva fora do contexto biologizante e normatizador, oportunizando a manifestação do pluralismo sexual, enfrentando práticas homofóbicas e etnocêntricas, ou seja, considerando a diversidade.

Nessa acepção, parece extremamente importante para a educação, em especial, no ensino médio questionar as representações sobre a sexualidade presentes nas práticas escolares, compreendendo-as como práticas que reforçam e constituem sujeitos em pleno desenvolvimento biopsicossocial, regulando suas ações, seus desejos, comportamentos e corpos, pois a escola é muitas vezes uma instituição que se torna ferramenta para o fortalecimento de práticas sociais e discursos que regulam os corpos, constituem comportamentos, verdades e saberes para a produção e reprodução de sujeitos e subjetividades, a partir das relações de poder.

O tema em questão é muito mais abrangente e depende de uma postura adequada por parte do educador, que deve possuir um conhecimento mínimo necessário e apresentar-se de forma aberta e receptiva, a fim de promover a participação e o pensamento crítico de seus alunos. Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que os educadores estão inseridos em nosso contexto sociocultural e também são produtos, em sua maioria, de uma educação sexual repressora, permeada por tabus, que não contribuem para o desenvolvimento das habilidades necessárias frente aos temas da sexualidade humana e seu pluralismo.

É importante apontar a atuação do psicólogo na instituição educacional como um protagonista importante para desenvolver ações voltadas para as demandas sociais e políticas educacionais em parceria com os educadores. O profissional psicólogo pode contribuir com práticas educativas voltadas a transformação de visões de diferentes contextos, favorecendo assim, o processo de subjetivação mais saudável dos atores envolvidos neste cenário.

Nesta perspectiva, pode-se concluir que esta pesquisa contribuiu para um novo olhar da prática da educação atrelada as questões da sexualidade, permeada pelo conhecimento da psicologia, podendo servir de referência para novos estudos na área, favorecendo novas tecnologias educacionais e ampliando o conhecimento sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita. **Descobrimento sexual do brasil**: para curiosos e estudiosos. São Paulo: Summus, 2004.

ÁVILA, Ednaildes Pereira de. **Conversando sobre sexualidade**: o que ensinam os(as) professores(as) sobre sexualidade. 2008. 108 f. Mestrado em Educação. Universidade Luterana do Brasil. Canoas.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude**: como discutir a sexualidade em casa e na escola. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: Pró-reitoria de extensão/UFRJ, 2008.

**Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 13 (jul. – dez. 2012), Feira de Santana – BA (Brasil), dez./2012.

BRASIL. **Resolução 196/96**. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde. 1996.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. **Bagoas - Estudos gays, gêneros e sexualidades**, v. 2, p. 71-93, 2008.

\_\_\_\_\_. Do parecer acerca dos materiais apresentados para o Projeto Escola Sem Homofobia estão adequados às faixas etárias e de desenvolvimento afetivo-cognitivo a que se destinam, com linguagem contemporânea e de acordo com a problemática enfrentada na escola na atualidade: a produção de agressões físicas ou psicológicas de pessoas ou grupos que são intimidados e/ou coagidos pelos poucos recursos de defesa apresentados em alguns momentos, ambientes e situações. Parecer favorável. 08 de fevereiro de 2011. Disponível em: <[http://crepop.pol.org.br/novo/852\\_conselho-federal-de-psicologia-parecer-materiais-educativos-do-projeto-escola-sem-homofobia](http://crepop.pol.org.br/novo/852_conselho-federal-de-psicologia-parecer-materiais-educativos-do-projeto-escola-sem-homofobia)> Acesso em: 10 ago 2011.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em Psicologia com Seres Humanos. **Resolução 016/2000**, 20 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/res16cfp.htm>> Acesso em: 16 de jun 2011.

DOMINGOS, Roney. **Igreja acolhe ex-gays que decidem voltar à homossexualidade**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL911541-5605,00-igreja+acolhe+exgays+que+decidem+voltar+a+homossexualidade.html>> Acesso em: 20 out 2011.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: Dagmar Meyer; Rosângela Soares. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

FISHER, Helen. **Anatomia do amor**: uma história natural da monogamia, do adultério e do divórcio. Rio de Janeiro: Eureka, 1997.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**; Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, jan, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2010a.

\_\_\_\_\_, **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2010b.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: Guacira Lopes Louro; Jane Felipe; Silvana Vilodre Goellner. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FURLANI, Jimena; LISBOA, Thais Maes. Subsídios à educação sexual a partir de estudo na internet. In: Dagmar Meyer; Rosângela Soares. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

NEVES; etal (2012). Concepção sobre diversidade sexual: um estudo entre professores de uma escola pública de uma cidade na amazônia.

---

GALVÃO, Loren; DÍAZ, Juan (Org.). **Saúde sexual e reprodutiva no Brasil**. São Paulo: Hucitec Population Council, 1999.

**GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL**: diretrizes e metodologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

HEIBORN, Maria Luiza. **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Educação e homofobia**: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas / JUNQUEIRA. R. D. (Org.)*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

KAMEL, Luciana; PIMENTA, Cristiana. **Diversidade sexual nas escolas**: o que os profissionais de educação precisam saber. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LEWIN, Roger. **Evolução humana**. Tradução de D. Munford. São Paulo: Atheneu, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: Rogério Diniz Junqueira. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2009.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **Introdução - Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade, Deficiência e Gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. In: Rogério Diniz Junqueira. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. **Introdução – Corpo, Gênero e Sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão**. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

NEVES, André Luiz Machado; ESTEVES, Glenda Keliandria Cardoso e PEREIRA, Neidiane Costa. **Representações Sociais e Práticas entre professores de uma escola pública de Santarém/Pará sobre Diversidade Sexual**. 2011. 115f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Psicologia)-Instituto Esperança de Ensino Superior, Santarém – Pará.

NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 2005.

REIS, Roberto Alves. Educação sem homofobia. **Presença pedagógica**, Belo Horizonte, v. 15, n. 85, jan./fev. 2009.

**Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 13 (jul. – dez. 2012), Feira de Santana – BA (Brasil), dez./2012.

NEVES; etal (2012). Concepção sobre diversidade sexual: um estudo entre professores de uma escola pública de uma cidade na amazônia.

---

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. **Sexualidade e adolescência**: as oficinas como prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

SADALA, Klaudia Yared. **Estudo dos critérios de eleição de parceria amorosa entre mulheres de 40 a 60 anos de idade**. 2005. 98f.. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

SAYÃO, Rosely. **Saber o sexo?** Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: Aquino Júlio Groppa. (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

SEFFNER, Fernando. Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar. In: Rogério Diniz Junqueira. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação; UNESCO, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Hália Pauliv. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SOUZA, Lídeo; FREITAS, Maria de Fátima Quintal; RODRIGUES, Maria Margarida Pereira (Orgs.). **Psicologia**: reflexões (im)pertinentes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

TAYLOR, Timothy. **A pré-história do sexo**: quatro milhões de anos de cultura sexual. Tradução de Ana Gibson. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2007.

Artigo recebido em 31/ago./2012. Aceito para publicação em 17/dez./2012. Publicado em 2/jan./2013.

**Como citar o artigo**: NEVES, André Luiz Machado das. Concepção sobre diversidade sexual: um estudo entre professores de uma escola pública de uma cidade na amazônia. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 13 (jul. – dez. 2012), Feira de Santana – BA (Brasil), dez./2012. p. 75-92. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.